

VASILHAS DUPLAS ARATU (MACRO-JÊ) EM SÍTIO TUPI-GUARANI: EVIDÊNCIA DE CONTATO?*

Neide Barrocá Faccio ^{*1}

Henrique Antônio Valadares Costa ^{*2}

Juliana Aparecida Rocha Luz ^{*3}

Diego Barrocá ^{*4}

Eduardo Pereira Matheus ^{*5}

Resumo: Os sítios arqueológicos localizados no norte do estado de São Paulo são associados, em sua maioria, à Tradição Aratu-Sapucaí (FACCIO et al., 2012), na qual se evidenciam, dentre outros elementos, rodas de fuso para fiar o algodão, carimbos, tigelas para o preparo de cuscuz, urnas funerárias piriformes e vasilhas duplas. Essa tradição foi apresentada por Valentim Calderón, do Pronapa (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), entre os anos de 1979/80. Nos sítios arqueológicos Aratu do estado de São Paulo é comum a presença de cerâmica da Tradição Tupi-Guarani, o que sugere a existência de contato entre os povos indígenas que produziram utensílios relacionados a cada uma dessas tradições. Além da forma, o modo de produção das vasilhas duplas da Tradição Aratu-Sapucaí e dos pratos divididos da Tradição Tupi-Guarani diferencia esses dois tipos de vasos. A evidenciação de vasilhas duplas, características da Tradição Aratu-Sapucaí, em sítios Guarani, no vale do Rio Paranapanema paulista, reforça a hipótese de contato entre indígenas dessas distintas tradições.

Palavras-chave: Vasilha Dupla; Tradição Aratu; Tradição Tupi-Guarani; História Pré-colonial.

* Artigo submetido à avaliação em 12 de agosto de 2014 e aprovado para publicação em 10 de setembro de 2015.

^{*1} Livre Docente do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP) e Coordenadora do Laboratório de Arqueologia Guarani (LAG/FCT/UNESP).

^{*2} Co-coordenador do Grupo de Estudos de Arqueologia da UFES. Historiador (UFES) e mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP).

^{*3} Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE/USP); Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGA) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP).

^{*4} Aluno do Curso de Pós-Graduação em Arqueologia, História e Sociedade, da Universidade de Santo Amaro (UNISA).

^{*5} Aluno do Curso de Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP).

Abstract: The archaeological sites located in the northern state of São Paulo are associated, mostly archaeological tradition Aratu-Sapucaí (FACCIO et al., 2012), in which are evidenced, among other elements, spindle wheels for spinning cotton, stamps bowls for couscous preparation, piriform funeral urns and double bowls. This archaeological tradition was presented by Valentine Calderon, the Pronapa (National Program for Archaeological Research), between the years 1979/80. In archaeological sites Aratu, the state of São Paulo, is common the presence of Pottery Tradition Tupi-Guarani, suggesting the existence of contact between indigenous peoples who produced utensils related to each of these traditions. In addition to the way the mode of production of the double canisters Aratu-Sapucaí Tradition and divided dishes Tradition Tupi-Guarani differentiates these two types of vessels. The disclosure of double vessels, the Aratu-Sapucaí Tradition features in Guarani sites in the valley of São Paulo Paranapanema River, reinforces the contact hypothesis between these distinct indigenous traditions.

Keywords: Double bowl; Aratu Tradition; Tradition Tupi-Guarani; History Pre-colonial.

A Tradição Aratu

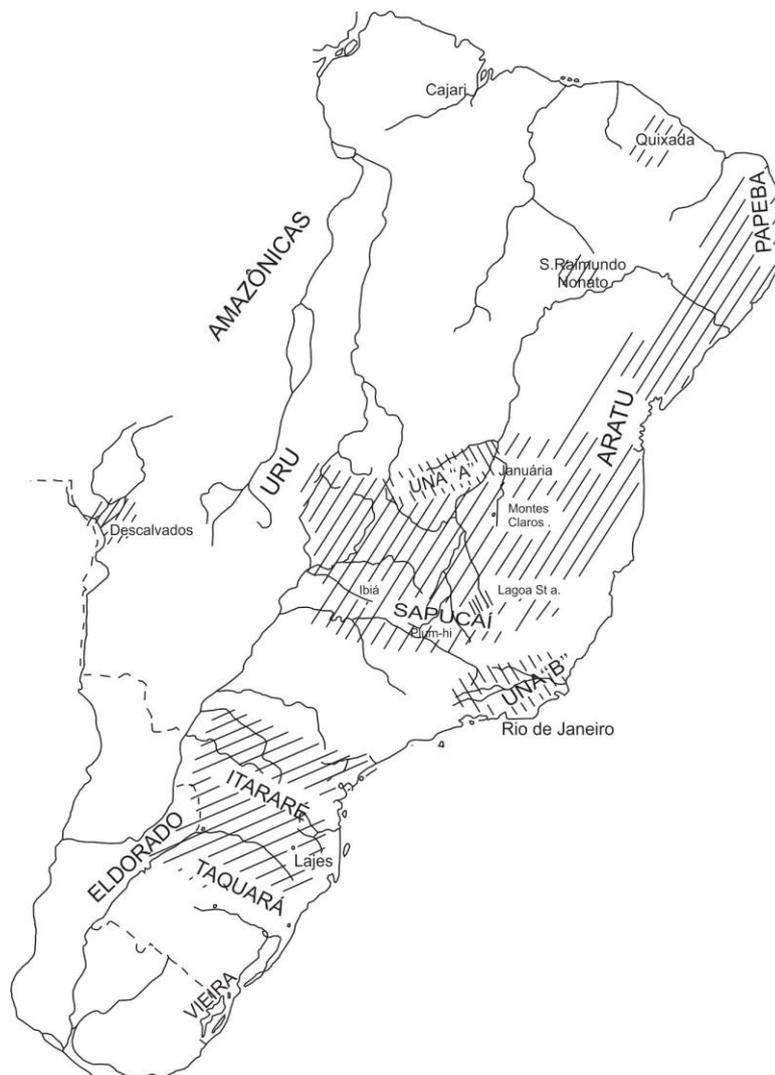
A Tradição Aratu surgiu no âmbito das pesquisas arqueológicas empreendidas pelo Pronapa (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) com os estudos realizados por Valentin Calderón, na Bahia. Segundo Fernandes (2001), o Pronapa foi o responsável pela criação das tradições e fases da pré-história brasileira, da qual faz parte a Tradição Aratu-Sapucaí. Essa tradição foi definida a partir de um conjunto de sítios que apresentaram indícios de uma sociedade agrícola (Figura 1).

Segundo Schmitz e Rogge (2008), os primeiros estudos que identificaram sítios arqueológicos relacionados à Tradição Aratu foram realizados em áreas de clima quente a subquente, com solos suficientes para a agricultura, no litoral e no interior dos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais. Na sequência, foram identificados sítios ao norte, nordeste e leste do estado de São Paulo, em ambientes semelhantes.

Em 2008, os mesmos autores estudaram um grande assentamento Aratu em Apucarana, no norte do estado do Paraná. Trata-se do primeiro sítio arqueológico relacionado à Tradição Aratu, evidenciado nesse estado. Com relação à cronologia, o sítio foi datado de 590 ± 40 anos AP. Essa população

pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, mais em específico ao Jê do Norte, sendo os Kaiapó do Sul seus representantes coloniais (SCHMITZ; ROGGE, 2008).

Figura 1: Tradições ceramistas regionais: Aratu, Pabeba, Uma A, Uma B, Uru, Itararé, Eldorado, Taquará, Vieira e Amazônicas.



Fonte: Adaptado de Prous, 1992.

A paisagem¹ é parte importante “quando se estuda o contexto das tradições arqueológicas criadas pelo Pronapa. Isso porque é do ambiente

¹ Por paisagem, entende-se “[...] o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução” (BERTRAND, 1971, p. 2).

natural que tais povos retiraram seus recursos para fabricar seus utensílios pautados em suas tradições e costumes” (SILVA; FACCIO; MATHEUS, 2012, p. 1).

As áreas em que predominam o cerrado parecem ter sido aproveitadas para assentamento, sobretudo nos maiores enclaves florestados – áreas de tensão ecológica – que lhes proporcionariam o domínio simultâneo de um variado gradiente ambiental. Nas áreas de floresta tropical semidecídua do Sudeste e Sul, a proximidade de enclaves de cerrado parece ter sido igualmente importante para estabelecer assentamentos (FACCIO, 2012a).

Os sítios associados a essa tradição na região norte do estado de São Paulo seguem um padrão definido. Estão localizados em áreas de colinas ou chapadas, próximos a ribeirões ou córregos de águas perenes e rios na base (FACCIO, 2012b, p. 186). Esses sítios estão localizados em área de vegetação de transição, apresentando uma flora de contato, que resulta da relação entre o cerrado e a floresta de mata atlântica (NERY, 2010).

Com relação às peças cerâmicas, Penin e De Blasis (2006), ao estudarem o Sítio Baixadão, (Município de Paulo de Faria, norte do estado de São Paulo,) associaram-nas à Tradição Aratu, relatando que

as peças possuem manufatura roletada e antiplástico majoritariamente mineral (grãos de quartzo), com a presença minoritária de hematita. Dentre as bordas, duas chamaram a atenção por serem diagnósticas. A primeira possui decoração plástica externa na forma de uma linha incisa paralela à borda; a segunda corresponde à “forma dupla”, fragmento de uma pequena tigela geminada para provável uso cerimonial bastante característico da chamada Tradição Aratu, típica do Brasil Central (ROBRAHN-GONZÁLEZ 1996, PROUS 1992), mas também presente no norte do estado de São Paulo (PENIN; DE BLASIS, 2006, p. 450).

9

Ainda com relação à cerâmica, Schimtz e Rogge (2008) relataram que

a cerâmica costuma ser abundante, com variedade de formas e tamanhos, como nos outros grandes grupos agricultores brasileiros. Na preparação da pasta, além da argila, de acordo com a região, eram usados elementos minerais (areia quartzosa, hematita, grafite, mica) e vegetais (algum tipo de cariapé). O vasilhame compreende jarros piriformes ou globulares, com até 75 cm de altura e 60 cm de diâmetro; painéis grandes, médias e pequenas, com bordas inflectidas, mas sem reforços; tigelas de vários tamanhos, com bordas diretas, às vezes acasteladas; pequenos vasos geminados, muito característicos; recipientes com bases de múltiplos furos, realizados enquanto a pasta estava fresca. As superfícies externas desse vasilhame são alisadas, algumas vezes engobadas ou com pintura

vermelha, com uma incisão, um entalhe, um rolete não obliterado, uma fila ou faixa de corrugados junto à borda. Raramente aparecem pequenos apêndices mamilonares, em botão ou asa (SCHMITZ; ROGGE, 2008, p. 51).

Nas fotos 1, 2 e 3 pode-se visualizar que a forma de vasilhas cerâmicas do Sítio Arqueológico dos Neves (FACCIO et al., 2007), localizado no estado do Espírito Santo, é testemunha da Tradição Aratu.

Fotos 1 e 2: Vasilhas cerâmicas associadas à Tradição Aratu, Sítio Neves, Município de São Mateus, ES.



Fonte: Faccio et al., 2007.

10

Foto 3: Vasilha cerâmica, conhecida como forma de caju. Sítio Neves, Município de São Mateus, ES.



Fonte: Faccio et al., 2007.

Após mais de 30 anos de pesquisas na área do ProjPar (Projeto Paranapanema) e entorno, estudando vasilhas cerâmicas Guarani de sítios arqueológicos localizados próximos ao Rio Paranapanema, foram encontrados, em dois sítios arqueológicos Guarani – Alvorada (Junqueirópolis, SP) e Piracanjuba (Piraju, SP) – fragmentos de vasilhas duplas. Nesses sítios Guarani, não foi encontrado nenhum prato dividido, os quais estão presentes em sítios da Tradição Tupi-Guarani.

Por outro lado, estudos em sítios associados à Tradição Aratu-Sapucaí do norte do estado de São Paulo apresentaram fragmentos de vasilhas cerâmicas duplas. A comparação entre os fragmentos de vasilhas duplas ou geminadas encontradas em sítios Aratu e Guarani do estado de São Paulo mostrou que elas são similares. Como, até o momento, não foram encontrados, em nossas pesquisas no estado de São Paulo, pratos divididos para o estudo desses artefatos, foi utilizado apenas o referencial teórico disponível.

Apontamentos sobre a integração dos grupos indígenas no registro arqueológico

11

Os primeiros correlatos arqueológicos sobre a interação entre os grupos Tupi-Guarani e Macro jê foram estabelecidos durante o Pronapa (1965-1975). Quando em pesquisas entre o litoral norte capixaba e o sul da Bahia, Celso Perota verificou elementos identificados como intrusivos da Tradição Tupi-Guarani na Tradição Aratu. Seus correspondentes históricos regionais são no caso Tupi-Guarani os Tupinambá e no caso da Tradição Aratu os Maxacali e Pataxó, além dos Camacã:

Em alguns sítios de ambas as fases apareceram intrusivamente a cerâmica da Tradição Tupi-Guarani, principalmente pintado (pintura vermelho e preta sobre engôbo branco ou vermelha sobre engôbo branco), que mostra possivelmente um encontro de dois grupos com tipos de cerâmica diferente ou reocupação do sítio (PEROTA, 1971, p. 8-9).

Posteriormente, Perota propôs a partir do vestígio arqueológico, que processos culturais de interação mais radical teriam ocorrido entre os grupos Macro-Jê pressionados pelos Tupi. Esses processos, poderiam ser resumidos a uma “tupinização” de grupos Macro-jê fronteiriços aos Tupinambá.

Cristalizado pela etnografia, os índios que entraram em contato com os primeiros portugueses foram os 'tupinikin'. Uma análise mais detalhada das citações sobre 'tupinikin', revela uma presença em diversas partes do Brasil, de forma descontínua, tanto do ponto de vista espacial quanto temporal. Quanto ao significado da palavra, alguns dados indicam ser uma designação 'tupinambá' aos seus vizinhos. Por outro lado, dados arqueológicos levantados nos estados do Espírito Santo e Bahia, em sítios arqueológicos historicamente bem plotados geograficamente, revelam uma cultura material que não pode ser filiada à Tradição Tupi-guarani. (PEROTA, 1998, p. 23).

As vasilhas duplas ou geminadas são características da Tradição Aratu; já os pratos divididos são característicos da Tradição Tupi-Guarani. Esses artefatos, fora do contexto dos sítios Aratu (associado aos Kaiapó) e Tupi-Guarani (associado aos Tupi-Guarani) respectivamente, constituem indicativo de contato entre os grupos indígenas.

Os processos migratórios dos grupos Kaiapó e Tupi-Guarani constituem importante fator para o desenvolvimento das sociedades pré-colombianas. As migrações e o conseqüente contato entre povos indígenas, possivelmente, resultaram em novas formas de produzir cerâmica, como a provável influência da produção de vasilhas duplas Aratu por grupos Tupi-Guarani – que, tradicionalmente, produziam pratos divididos. Tal hipótese se deve ao fato de terem sido evidenciadas vasilhas duplas da Tradição Aratu Sapucaí em Sítios arqueológicos Guarani. Por outro lado, nos Sítios Aratu, até o momento, não foi registrada a presença de pratos divididos.

A interação entre grupos Tupi-Guarani e Macro-jê é documentada desde o século XVI por Florestan Fernandes, que informa sobre o comércio de trocas entre os Tupinambá e Guaitacá² no litoral norte fluminense. Esse comércio de troca ocorria mesmo não havendo conhecimento da linguagem entre os dois grupos indígenas. De acordo com Fernandes (1963):

Uma descrição de Léry esclarece suficientemente a natureza destas trocas, acentuando o seu caráter ocasional e a qualidade dos compromissos assumidos em ambas as partes. O Tupinambá, sem confiar no Guaitacá, 'mostra-lhe de longe o que tem a mostrar-lhe, foice, faca, pente, espelho ou qualquer bugiganga e pergunta-lhe por

² Os Guaitacá, também denominados por Goitacá foram delimitados como ancestrais dos índios Puri, Puri-Coroado, Coropó, Kropo, grupos assim conhecidos no Século XIX. Habitavam a região correspondente aos atuais Estados do Rio de Janeiro ao norte, no Espírito Santo entre o centro, sul e o sudeste de Minas Gerais.

sinais se quer efetuar a troca. E concordando, o convidado exhibe por sua vez plumas, pedras verdes que coloca nos lábios, ou outros produtos de seu território. Combinam então o lugar da troca, a 300 ou 400 pés de distância; aí o ofertante deposita o objeto da permuta em cima de uma pedra ou pedaço de pau e afasta-se. O Guaitacá vai buscar o objeto e deixa no mesmo lugar a coisa que mostrara, arredando-se igualmente a fim de o Maracajá ou quem quer que seja venha procura-la' (FERNANDES, 1963, p. 97-98).

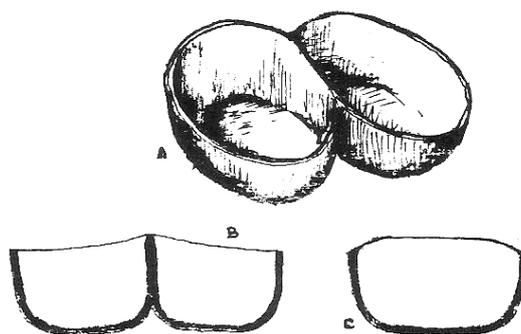
Com a recepção de produtos por parte dos grupos, pode ter ocorrido a imitação. Cabe questionar se a técnica de produção viria agregada a carga simbólica. Estudos linguísticos são fundamentais para verificar a ocorrência da transmissão do teor simbólico do objeto.

O contato com artefatos e técnicas novas também vinha por meio de conflitos belicosos, onde o resultado, muitas vezes, era a captura de mulheres. Essas mulheres trariam consigo o conhecimento da técnica para a produção do artefato. É importante apresentar esse fato porque dentro do horizonte cultural ameríndio o papel preponderante da mulher na produção da cerâmica é de destaque, mais do que no restante do mundo. (LEVI-STRAUSS, 1986).

A presença da cerâmica geminada pode ainda ser vista entre os falantes do tronco linguístico Tupi-Guarani mais recentes, como é o caso dos Tapirapé,³ apresentado no "Dicionário do Artesanato Indígena" de Ribeiro et al. (1988). As figuras 1 e 2 apresentam formas de vasilhas geminadas.

13

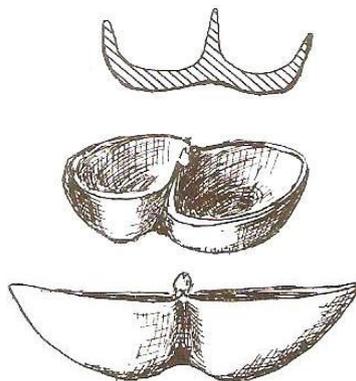
Figura 1: Tigela geminada. Esc. 1:5. A vista da peça. B perfil longitudinal. C. Perfil transversal de um dos recipientes.



Fonte: Ribeiro et al, 1988.

³ Os índios Tapirapé se encontram atualmente entre os Estados do Tocantins e Mato Grosso.

Figura 2: Cerâmicas geminada da Tradição Aratu de Minas Gerais.



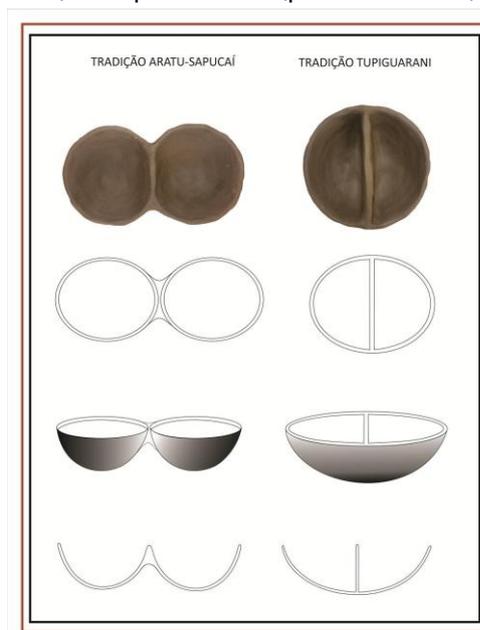
Fonte: Prous, 1992, p. 311.

Reconstituição gráfica das vasilhas duplas e os pratos divididos

Ribeiro et al. (2009) estudaram os pratos divididos da Tradição Tupi-Guarani, nos Sítios Bota Fora e Hiuton, entre os municípios de Piúma e Anchieta, no estado do Espírito Santo. Esse estudo, aliado ao realizado por Faccio et al. (2010) sobre as vasilhas duplas Aratu-Sapucai, possibilitaram uma análise comparativa dos processos produtivos desses dois artefatos (Figura 3).

14

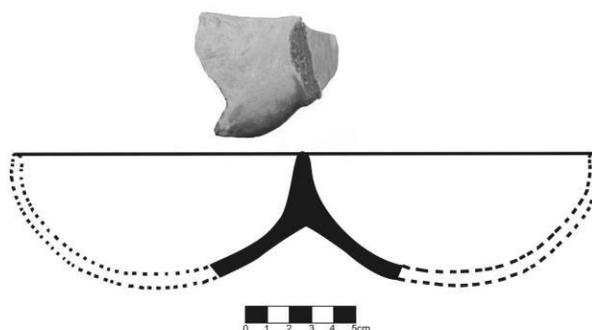
Figura 3: Comparação entre vasos da Tradição Aratu-Sapucai (forma dupla ou geminada) e Tupi-Guarani (prato dividido).



Fonte: Adaptado de Ribeiro et. al. (2009), organizado por Eduardo Pereira Matheus.

A foto 4 e a figura 4 mostram a reconstrução gráfica de uma forma dupla, a partir de um fragmento de borda do Sítio Alvorada, associado à Tradição Tupi-Guarani, localizado no Município de Junqueirópolis, SP.

Foto 4 e figura 4: Reconstrução gráfica da forma da vasilha dupla a partir do fragmento de borda. Sítio Alvorada, Município de Junqueirópolis, SP.



Fonte: Faccio et al., 2011.

A partir da reconstrução gráfica da forma da vasilha dupla demonstrada na figura 2, foi possível estabelecer o diâmetro da boca de um dos lados dessa vasilha, fazer uma reconstrução experimental para um dos lados e projetar essa reconstrução para o outro lado (Fotos 5 e 6).

15

Fotos 5 e 6: Reconstrução gráfica do diâmetro da boca e da forma da peça por meio da técnica de modelagem. Sítio Alvorada, Junqueirópolis, SP.



Fonte: Faccio et al. (2011).

Com esse exercício de experimentação, foi possível visualizar um vaso duplo inteiro, o que não era possível antes desse processo, tendo em vista o fato de as vasilhas duplas, até o momento pesquisadas nos sítios arqueológicos do estado de São Paulo, terem sido encontradas na forma de fragmentos. Cumpre ainda ressaltar que nenhuma vasilha dupla inteira foi encontrada nos museus do estado de São Paulo, com exposição de cerâmica da Tradição Aratu.

Os fragmentos de vasilhas duplas encontrados na área de Sítios Arqueológicos Aratu, do norte do estado de São Paulo são identificados a partir da parte central da vasilha. Em nenhum dos casos estudados pela equipe do Laboratório de Arqueologia Guarani (LAG/FCT/UNESP) foi possível reunir as outras partes do vaso a essa parte central. Esses sítios estão localizados em áreas de plantio de cana-de-açúcar, nas quais o uso de maquinário agrícola diminui o tamanho dos fragmentos cerâmicos a cada ano.

Já os fragmentos de vasilha dupla encontrados nos Sítios Guarani (Alvorada e Piracanjuba) apresentaram fragmentos de maior tamanho. Apesar de o primeiro sítio estar em área de plantio de cana-de-açúcar, o fragmento de vasilha dupla foi encontrado em nível abaixo daquele perturbado pela ação do maquinário agrícola. Contudo, ainda assim, apesar do maior tamanho, foi encontrada somente a parte central do vaso. No caso do Sítio Piracanjuba, a área é de pastagem, o que diminuiu a ação de maquinário no solo possibilitando um maior tamanho dos fragmentos cerâmicos.

As fotos de 7 a 19 mostram o processo de produção experimental da vasilha dupla.

Fotos 7 a 19: Fases do processo de produção experimental da forma da vasilha dupla a partir do fragmento de borda.





Diante do exposto, o processo de produção do vaso duplo constitui-se através da confecção de dois vasos similares e da junção deles com a ligação feita com um pouco de argila.

As fotos de 20 a 29 mostram o processo de produção de um prato dividido, tendo por referência a figura 3, haja vista não ter sido possível analisar um fragmento ou prato dividido inteiro.

Fotos 20 a 29: Produção experimental da forma do prato dividido.





Como demonstrado, o processo de produção do prato dividido constitui-se, primeiramente da confecção de um prato e, posteriormente, de sua divisão, com uso de um pedaço de argila que constitui uma parede interna para ambos os lados.

Vasilhas de formas duplas do estado de São Paulo em Sítios Tupi-Guarani

A partir da análise das coleções cerâmicas presentes em sítios arqueológicos pré-coloniais, foram identificados vestígios que apontam para o contato entre diferentes grupos indígenas. Esse contato influenciou, de forma direta, na produção das respectivas culturas materiais. Segundo Schmitz e Rogge (2008), a população que confeccionou a cerâmica da Tradição Aratu

19

teve maior expansão e maior adaptabilidade ambiental do que parecia inicialmente, ocupando desde a densa floresta do litoral do Nordeste e Centro a enclaves florestados, em meio ao cerrado do Nordeste e do Brasil Central, até a floresta tropical do interior de São Paulo e do norte do Paraná. Seu território confrontava com o de outras populações que, muitas vezes, competiam pelos mesmos ambientes. O contato com essas populações resultou em sítios em que, além dos materiais da tradição cerâmica Aratu, estão presentes cerâmicas da tradição Tupi-Guarani, da tradição Uru, ou da tradição Taquara/Itararé. No sítio de Apucarana, o abundante material cerâmico da tradição Aratu vem acompanhado de certo volume de elementos da tradição Taquara/Itararé, que dominava o Planalto Meridional. O intercâmbio de tecnologias na fabricação tanto da cerâmica quanto do lítico sugere a convivência nessa última aldeia de pessoas de duas populações diferentes (SCHMITZ; ROGGE, 2008, p. 47).

No mesmo sentido, Faccio et al. (2011) estudaram sítios arqueológicos localizados no estado de São Paulo e, junto à cerâmica Aratu, constataram a presença da cerâmica Tupi-Guarani. Já em sítios associados à Tradição Tupi-Guarani, foram encontradas vasilhas duplas, associadas à Tradição Aratu.

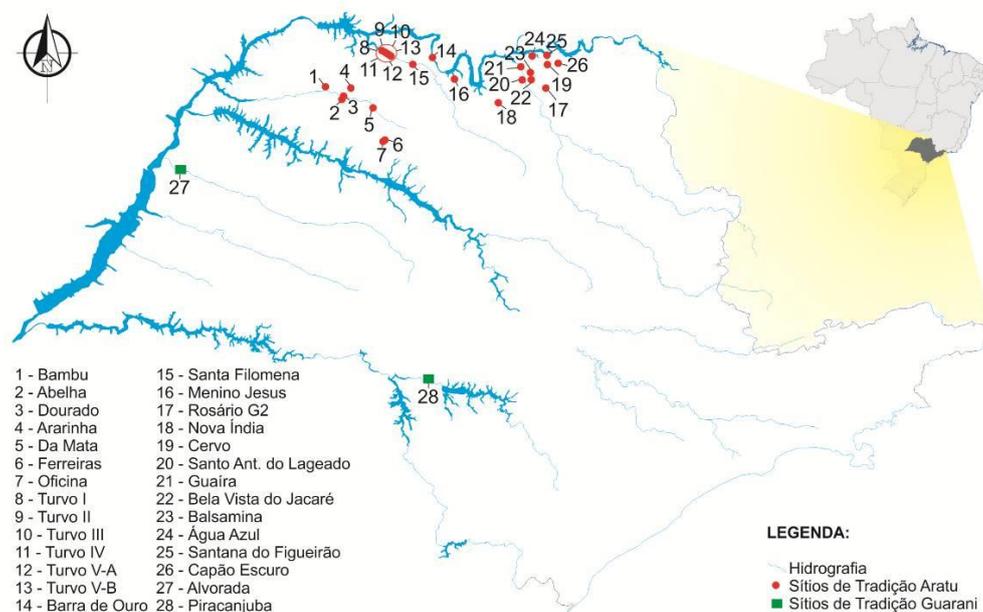
Nesse sentido, vemos que na bibliografia referente à Tradição Aratu foram registrados diversos fenômenos de fronteira,

com populações da tradição Tupi-Guarani [...] eles foram registrados no Espírito Santo, na Bahia, em Goiás, em Minas Gerais e em São Paulo; com populações da tradição Uru, foram registrados em Goiás, no Tocantins e em São Paulo; com populações Jê do Planalto Meridional resultaram contatos no Paraná (o sítio em análise) e no sul de Minas Gerais, onde, na fase Jaraguá, aparece uma casa subterrânea. Que tipo de relações haveria entre as populações da tradição Aratu e as da tradição Una, nos cerrados de Goiás e Minas Gerais, é mais difícil de estabelecer pela semelhança existente entre as cerâmicas dessas duas tradições. Limites territoriais costumam originar sítios em que elementos de mais de uma cultura aparecem juntos, mas não é fácil desvelar os processos que os originaram (SCHMITZ; ROGGE, 2008, p. 49).

A figura 5 mostra a distribuição dos Sítios Aratu, estudados no estado de São Paulo, assim como dos Sítios Guarani que apresentaram a presença de forma dupla, no estado de São Paulo.

20

Figura 5: Sítios Arqueológicos associados à Tradição Aratu no norte do estado de São Paulo e Sítios Guarani com presença de vasilha dupla.



Considerações finais

As discussões sobre a cadeia operatória de produção das vasilhas cerâmicas da Tradição Aratu e Tupi-Guarani, especificamente no que se refere à produção de vasilhas duplas e pratos divididos, ainda são incipientes. Os pratos divididos da Tradição Tupi-Guarani “são pouco ou nada descritos para a cerâmica Tupi-Guarani do sudeste e sul brasileiros” (RIBEIRO ET AL., 2009, p. 161). Já as vasilhas duplas, em Sítios Aratu do norte do estado de São Paulo, apesar de sempre documentadas, foram pouco descritas e investigadas.

A maior contribuição deste estudo consiste em levantar hipóteses sobre a forma de confecção das vasilhas e a divulgação do mapeamento dessas ocorrências no estado de São Paulo, sugerindo o contato entre os Kaiapó e os Tupi-Guarani e no caso do litoral Sudeste/Nordeste entre os ancestrais dos Maxacali, Pataxó e Camacã e os Tupinambá.

Os dados aqui apresentados reforçam o fato já amplamente debatido na arqueologia brasileira de que as populações pré-coloniais do Brasil nunca se encontraram em imobilidade histórica, em uma condição de imutabilidade cultural até a chegada dos europeus. A formulação de hipóteses sobre a integração (conflituosa e/ou não) de grupos etnicamente distintos indicam a incorporação de variantes históricas aos processos de formação das comunidades indígenas pré-coloniais – reforçando a ideia de uma abundante riqueza histórica e cultural.

21

Referências

Documentação primária

- FACCIO, N. B. **Relatório de Diagnóstico Arqueológico Prospectivo e Programa de Educação Patrimonial para a Área da Usina Guáira**, Município de Guáira, SP, 2010.
- FACCIO, N. B.; LUZ, J. A. R.; PEREIRA, D. L. T.; FAVARELLI, F. Z.; LIMA, P. C.; SILVA, L. J.; ALVES, A. F.; CERDEIRA, G. L.; RODRIGUEZ, B. G.; TEIXEIRA, M. A.; SALOMÃO, L. B.; MATHEUS, E. P. **Relatório de Curadoria dos Materiais Arqueológicos dos Sítios de Guáira, SP**, 2012a.
- FACCIO, N. B.; LUZ, J. A. R.; PEREIRA, D. L. T.; FAVARELLI, F. Z.; LIMA, P. C.; SILVA, L. J.; ALVES, A. F.; CERDEIRA, G. L.; RODRIGUEZ, B. G.; TEIXEIRA, M. A.;

SALOMÃO, L. B.; MATHEUS, E. P. **Relatório de Resgate Arqueológico e Programa de Educação Patrimonial dos sítios do Rio Turvo**, 2012b.

Obras de apoio

- CARVALHO, F. L. **A pré-história sergipana**. Aracaju. Universidade Federal do Sergipe. 2003. 159 p.
- FERNADES, F. **Organização social dos Tupinambá**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- LEVI-STRAUSS, C. **A oleira ciumenta**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LUZ, J. A. R. **Estudo da Tecnologia de Peças Líticas Lascadas no Rio Paranapanema: sítios arqueológicos Valone e Gurucaia**. Dissertação de mestrado em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo, 2010.
- NERY, S. I. **Arqueologia e Paisagem: contribuições para o estudo arqueológico na área do baixo curso do Rio Turvo**, (monografia de bacharelado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2010, 100 p.
- OLIVEIRA, J. E; VIANA, S. A. **A pré-história da região Centro Oeste do Brasil**, 2000. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar/congresso>>. Acesso em: 19 de jun. de 2012.
- PROUS, A. As culturas ceramistas regionais do interior: o papel da cerâmica nas primeiras culturas oleiras. In: **Arqueologia brasileira**. Brasília. Ed. UNB, 1992, p. 345 - 352.
- RIBEIRO, B. G.; MALHANO, H. B. **Dicionário do Artesanato Indígena**. Editora Itatiaia, 1988.
- RODRIGUEZ, B. G.; TEIXEIRA, M. A. O. **Sítio Arqueológico Bela Vista do Jacaré: estudo de vestígios cerâmicos e líticos do norte do estado de São Paulo**. (Monografia de bacharelado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.
- RIBEIRO, L; LIMA, A. P. DE SOUZA, L. M; JÁCOME, C. Os Tupi-Guarani do sul do Espírito Santo usavam muito a pedra, além do barro - indústria lítica na pré-história tardia (e depois). In: MORALES, W. F; MOI, F. P. (Org.) **Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo Ed. Annablume; Porto Seguro - BA: Acervo – Centro de Referência e Pesquisa, 2009. p. 160-161.
- FÁCCIO, N.B; LUZ, J. A. R; COSTA, H. A.V; DI BACO, H. M. Resgate no Sítio Arqueológico dos Neves, São Mateus, ES. **Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**, Vitória, n. 69, p. 27-51, 2013.
- FACCIO, N. B.; MORAIS, J. L; SANTOS, J. V.; BACO, H.M.; ALVES, D. B. M. A faiança e a porcelana dos Sítios Itatiba e Itatiba II: aplicação da fórmula South. **Revista Tópos**, v. 1, p. 41-68, 2007.

- FACCIO, N. B.; FAVARELLI, F.Z. **Arqueologia no estado de São Paulo**: Sítio Turvo. Anais XV Encontro Nacional de Geógrafos. Porto Alegre. 2010. Disponível em: <www.agb.org.br/evento>. Acesso em: 10 maio 2012.
- FACCIO, N.B.; BACO, H. M. D; LUZ, J.A.R.; ALVES, A.F. Estudo da cerâmica do Sítio Arqueológico Alvorada, da região do Rio Aguapeí, estado de São Paulo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia**, São Paulo, n. 21, p. 275-292, 2011.
- FERNANDES, S. C. G. Contribuição para o Estudo da Tradição Aratu-Sapucai Estudo de Caso: o Sítio Arqueológico de Água Limpa, Monte Alto – São Paulo, **Canindé**, Xingó, n. 1, dezembro de 2001.
- MORAIS, J. L. A Arqueologia e o fator Geo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 9, 1999.
- PENIN, A. DE BLASIS, P. Sítio Baixadão: um novo sítio aratu no norte paulista, **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 15-16: páginas 449-453, 2005-2006.
- PEROTA, C. Arqueoetnografia na área do descobrimento e adjacências. Resumo. **21º Reunião da Associação Brasileira de Antropologia**. Vitória ES Abril de 1998, p. 23.
- _____. Considerações sobre a Tradição Aratu, nos estados da Bahia e Espírito Santo. **Boletim do Museu de Arte e História da UFES**, arqueologia nº 1, Vitória, 30 de setembro 1971.
- SCHMITZ, P. I.; ROGGE, J. H. Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR, **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 18, p. 47-68, 2008.
- SILVA, B. H.; FACCIO, N. B.; MATHEUS, E. P. A Variabilidade da Cerâmica da Tradição Aratu-Sapucai no Norte do estado de São Paulo: um estudo comparativo da produção de vasilhas duplas do Sítio Arqueológico Bela Vista do Jacaré (BVJ). **Anais da Semana de Geografia**, FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2012.